



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI CAMPUS PROFESSOR BARROS
ARAÚJO – PICOS CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
LETRAS/PORTUGUÊS**

RAYANE FONTES SILVA

**ANCESTRALIDADE, IDENTIDADE E EQUILÍBRIO CULTURAL: UMA ANÁLISE
DA OBRA *O BANQUETE DOS DEUSES* DE DANIEL MUNDURUKU**

**PICOS – PIAUÍ
2024**

RAYANE FONTES SILVA

**ANCESTRALIDADE, IDENTIDADE E EQUILÍBRIO CULTURAL: UMA ANÁLISE
DA OBRA *O BANQUETE DOS DEUSES* DE DANIEL MUNDURUKU**

Artigo Científico apresentado à disciplina Prática de Pesquisa em Letras II, do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, *Campus Professor Barros Araújo*, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Emanoel Pedro Martins Gomes

**PICOS – PIAUÍ
2024**

RAYANE FONTES SILVA

**ANCESTRALIDADE, IDENTIDADE E EQUILÍBRIO CULTURAL: UMA ANÁLISE
DA OBRA *O BANQUETE DOS DEUSES* DE DANIEL MUNDURUKU**

Artigo Científico apresentado à disciplina Prática de Pesquisa em Letras II, do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Estadual do Piauí, *Campus Professor Barros Araújo*, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Emanoel Pedro Martins Gomes

Aprovação em: 18 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emanoel Pedro Gomes Martins
Universidade Estadual do Piauí
Presidente da Banca

Profa. Dra. Eliana Pereira de Carvalho
Universidade Estadual do Piauí
1^a Examinadora

Profa. Ma. Margareth Valdivino da Luz Carvalho
Universidade Estadual do Piauí
2^a Examinadora

**PICOS – PIAUÍ
2024**

Ancestralidade, identidade e equilíbrio cultural: uma análise da obra *O Banquete dos Deuses* de Daniel Munduruku

*Ancestry, identity and cultural balance: an analysis of the work *The Banquet of the Gods* by Daniel Munduruku*

Rayane Fontes Silva¹

Emanoel Pedro Martins Gomes²

RESUMO: A ancestralidade é um elo vital entre o passado, o presente e o futuro, em que os ensinamentos e as histórias dos antepassados são vistos como essenciais para a orientação das gerações atuais e futuras. Ela é a conexão entre os indivíduos e seus antepassados. Na perspectiva ligada aos povos indígenas, a ancestralidade é fundamental à essência da identidade e da cultura dessas sociedades. Nesse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar como a ancestralidade contribui para o equilíbrio cultural e a preservação da identidade em meio à fluidez das sociedades liquefeitas, tomando como objeto de investigação a obra *O Banquete dos Deuses*, de Daniel Munduruku. Na pesquisa, buscou-se compreender o conceito de ancestralidade empregada na obra, e, mais ainda, identificar como a sua falta afeta a vida moderna em que tudo é acelerado e rápido, reconhecendo, assim, a sociedade contemporânea como fluida, volátil e dinâmica. Em termos metodológicos, empregou-se o método dedutivo, através de um estudo de natureza bibliográfica e documental, cuja análise dos resultados tomou a forma qualitativa. O estudo aqui realizado é de suma importância para o campo histórico, social, educacional e para a sociedade como um todo, ao passo que trata da contribuição da ancestralidade para o equilíbrio cultural e a preservação da identidade das sociedades minoritárias, tendo em vista os estereótipos do processo de aculturação do homem “dito civilizado”. Assim, os resultados obtidos mostram que a cultura e a identidade devem ser reconhecidas e valorizadas indígenas como parte constituinte da sociedade brasileira. Por fim, a ancestralidade permite compreender as raízes culturais de um povo em uma sociedade e à luz de sua manutenção no mundo moderno fazem-se necessário estudos que mostrem sua grande relevância histórica e cultural da ancestralidade em meio à liquidez das sociedades ocidentais do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Ancestralidade. Identidade. Povos Indígenas. Sociedades Líquidas.

Abstract: Ancestry is a vital link between the past, present and future, in which the teachings and stories of ancestors are seen as essential for guiding current and future generations. It is the connection between individuals and their ancestors. From the perspective of indigenous peoples, ancestry is fundamental to the essence of the identity and culture of these societies. In this scenario, this article aims to analyze how ancestry contributes to cultural balance and the preservation of identity amid the fluidity of liquefied societies, taking as its object of investigation the work *O Banquete dos Deuses*, by Daniel Munduruku. The research sought to understand the concept of ancestry used in the work, and, even more, to identify how its lack affects modern life in which everything is accelerated and fast, thus recognizing contemporary

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras/Português, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Prof. Barros Araújo, de Picos-PI. E-mail: rayanefontessilva@aluno.uespi.br

² Professor Adjunto II do Curso de Licenciatura em Letras/Português, na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Prof. Barros Araújo, de Picos-PI. E-mail: emanoeelpedro@pcs.uespi.br

society as fluid, volatile and dynamic. In methodological terms, the deductive method was used, through a bibliographic and documentary study, whose analysis of the results took a qualitative form. The study carried out here is of utmost importance for the historical, social, and educational fields and for society as a whole, as it deals with the contribution of ancestry to cultural balance and the preservation of the identity of minority societies, in view of the stereotypes of the acculturation process of the “so-called civilized” man. Thus, the results obtained show that indigenous culture and identity must be recognized and valued as a constituent part of Brazilian society. Finally, ancestry allows us to understand the cultural roots of a people in a society and, in light of its maintenance in the modern world, studies are needed that demonstrate the great historical and cultural relevance of ancestry amid the liquidity of Western societies in the contemporary world.

Keywords: Ancestry. Identity. Indigenous Peoples. Liquid Societies.

INTRODUÇÃO

“A ancestralidade não é apenas uma memória histórica, mas uma presença viva que guia e orienta as gerações presentes e futuras.”
(Munduruku, 2009, p. 32)

A ancestralidade diz respeito à condição de ser ancestral, é um elo entre os indivíduos e seus antepassados. Trata-se da compreensão de que a humanidade atual descende de um grupo de pessoas que viveram antes, no passado, cujas experiências, culturas e tradições perpassaram de uma geração a outra. Nesse viés, trata-se de uma conexão que abrange valores, histórias e práticas que são transmitidas de geração em geração. Assim, a ancestralidade inclui aspectos sociais, históricos e culturais que influenciam a individualidade e a coletividade.

Nesse sentido, a ancestralidade é a parte constituinte das sociedades indígenas não ocidentais, já que é o elo que conecta o presente ao passado e ao futuro, em que os ensinamentos e as histórias dos ancestrais são fundamentais para a formação da identidade e para a continuidade da cultura de um povo. Partindo desse pressuposto, vale ressaltar que a sabedoria ancestral é uma fonte inesgotável de conhecimento e orientação para as futuras gerações, de tal modo, que a ancestralidade não é apenas uma memória passiva, mas uma presença ativa e vivificante na vida contemporânea.

Nessa perspectiva, a ancestralidade é a conexão entre os indivíduos e seus antepassados, é a responsável por reconectar a humanidade a sua identidade ascendente, esse retorno às raízes ancestrais é uma forma de resistência cultural e de afirmação de uma paridade que valoriza a conexão com a terra e os espíritos dos antepassados. É, antes de tudo, um convite para refletir sobre a conexão com o passado. É vivenciar a identidade de seus descendentes, é

se desconectar de um mundo acelerado. Sendo assim, retornar às raízes dos antepassados pode ser um ato de resistência e de reafirmação de nossa identidade.

A ancestralidade permite compreender as raízes culturais de um povo em uma sociedade e à luz de sua manutenção no mundo moderno faz-se necessário estudos que mostrem sua grande relevância histórica e cultural para o mundo contemporâneo.

Já em se tratando da ancestralidade nas sociedades indígenas refere-se a um conceito central e multifacetado que envolve a valorização e a preservação dos saberes e tradições desses povos. Desse modo, a ancestralidade é fundamental para a identidade e a cultura dos povos indígenas. Posto que, liga e conecta o passado ao presente e ao futuro, assim, os ensinamentos dos ancestrais são essenciais para a formação da identidade e para a continuidade cultural. Em outras palavras, a ancestralidade contribui para a formação da identidade pessoal e coletiva de um povo.

Nota-se que a ancestralidade é capaz de assegurar o elo entre o homem contemporâneo e os seus antepassados, de modo que, desconecta o homem da sociedade do consumo e da agitação atual, dando-lhe o senso de pertencimento e valorização de si e de seus descendentes. Frente a esta realidade, surgiu a ideia deste trabalho que pretende responder ao seguinte questionamento: Como a ancestralidade contribui para o equilíbrio cultural e a preservação da identidade em meio a fluidez das sociedades liquefeitas?

Para tanto, foi feita uma análise sobre o conceito de ancestralidade na obra *O Banquete dos Deuses* de Daniel Munduruku dialogando com a fluidez das sociedades liquefeitas, utilizando-se de conhecimentos científicos, na qual foi preciso caracterizar a ancestralidade, analisar a sociedade contemporânea como fluida, volátil e dinâmica, e ainda, verificar como a sua falta afeta a vida contemporânea em que tudo é acelerado e rápido.

A fundamentação teórica foi feita com base em autores e em documentos/leis oficiais que abordam os conteúdos em torno da temática em questão, como: Bauman (2000), Munduruku (2009), Oliveira (2005) e Rouanet (1997).

1 A VIBRAÇÃO DA SEMENTE PARA O NASCER ANCESTRAL

Nos dias atuais, a cultura estereotipada tem ganhado cada vez mais visibilidade, tendo em vista que é responsável por incutir valores e princípios para a sociedade. Todavia, até o momento, não existe uma cultura única para todos os povos, sendo assim, cada comunidade compartilha de padrões comportamentais, crenças e manifestações artísticas diferentes. E dentro de cada civilização, teremos também a ancestralidade.

Assim, cada cultura tradicional possui uma forma de organização particular pautada na memória, como afirma Daniel Munduruku (2022):

No pensar de um povo existe o presente e tudo que o presente acarreta como custo e benefício. O presente, no entanto, está atrelado ao passado. Não há um passado físico, mas há um passado memorial, dos feitos dos criadores, dos heróis e do início dos tempos. Esta memória é reinventada no cotidiano para que todos possam caminhar conformes ensinamentos, as regras de conduta e os valores individuais e sociais que regem a sociedade. (Munduruku, 2022, p. 28).

Nela, encontram-se presentes a origem e a explicação do modo de agir e pensar daquela etnia. Por isso, é possível compreender a união entre eles, afinal todos seguem os mesmos princípios e valores, todos vivem juntos e formam a grande família. Dessa maneira, é por meio da observação da realidade circulante que a cultura é construída.

A maneira como cada ser humano comprehende o mundo é especial e único, sendo assim, tudo depende do olhar atento de quem observa, como afirma Maturana (2002, p. 82 *et.al* Oliveira, 2005): “não precisamos de um mundo de objetos para fazer explicações científicas”. Dessa forma, precisaremos apenas de um olhar apurado que não enxergue a semente no sentido literal, mas como a gênese de toda criação.

Conforme Eduardo Oliveira (2005) aponta, a cultura é o relacionamento das singularidades no plano de imanência concomitante aos valores produzidos no plano de transcendência, de tal modo que podemos entender a cultura como o ponto de equilíbrio para a busca da essência interior, na qual cultivamos nossas convicções que ultrapassam o limite do real, bem como:

As sociedades tradicionais são filhas da memória e a memória é a base do equilíbrio das tradições. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo. Para compreender a sociedade indígena é preciso entender o papel da memória na organização da trama da vida. (Munduruku, 2022, p. 28).

Por isso, a importância de conhecermos nossos ancestrais, para que não percamos as raízes da nossa ancestralidade, de modo a preservar e manter a história cultural da civilização.

A ancestralidade é o modo pelo qual são utilizadas as formas de representação de um povo, com o intuito de preservação dos vínculos ancestrais. Mais também, a sensibilidade de percepção sobre o contexto ao qual o indivíduo encontra-se inserido. Além disso, analisar a relação homem/natureza, a inteligência de escutar a sabedoria dos mais velhos, o pensar no bem do coletivo é característica predominante dos nativos.

Logo, pensar o homem como um ser racional é compreender que este ocupa lugar no espaço. Conforme, aponta Munduruku (2022):

Pensem nisto: somos a continuação de um fio que nasceu muito tempo atrás, vindo de outros lugares, iniciado por outras pessoas, completado, remendado, costurado e continuado por nós. De uma forma mais simples, poderíamos dizer, que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia. (Munduruku, 2022, p. 16).

Assim, esta noção de conjunto, transmite a ideia de coletividade, pois todos nós somos um fio, que junto com outros fios forma-se a grande teia. Por certo, analisando as vivencias uns dos outros, criam-se mundos diversos, porque nenhum ser humano pensa igual a outro, desse modo, cada experiência é única. Assim, o partilhar de ensinamentos faz surgir a vibração.

Outrossim, tudo no universo por menor que seja, apresenta uma força responsável por gerar uma vibração, que será lançada no espaço e recebida novamente. Bem como, Munduruku (2022, p. 27): “Lembro, para reforçar a tradição, o que o velho chefe Seatle dizia no século XIX: ‘O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido fará a si mesmo’”.

Nesse hiato, os povos indígenas possuem uma cosmovisão que está diretamente ligada as narrativas míticas. Assim, esses relatos são contados e recontados diariamente, sempre como uma nova história, carregando consigo a contrariedade do real com o fictício. Para eles, o mito é a origem de tudo, desde a apresentação da natureza até o surgimento da vida na terra, como:

Nelas residem os sonhos de um homem descobrir onde se encontra sua raiz ancestral, seu primeiro pai. De onde viemos? Do coração dos deuses que nos ofereceram o que tinham de melhor, um jardim - como conta o mito cristão da criação -, do qual não soubemos tomar conta e preferimos o risco do desconhecido. É assim também que o povo munduruku conta sua criação. De onde viemos? Somos filhos da solidão. (MUNDURUKU, 2022, p. 36).

Segundo Oliveira, o mito gera poderio para a cultura tradicional, pois ao passo em que se pretende organizá-la, também, a fundamenta. Tendo em vista, um dos pilares mais importantes para a cultura indígena que é o princípio de que se a natureza está evoluindo, o ser humano, automaticamente, também, está progredindo. Afinal, ambos possuem uma relação de dependência, o homem precisa da ‘grande mãe’ para continuar sobrevivendo e esta precisa da sua reverência.

Outrossim, outro fator significativo no modo dos primitivos é a dinamicidade da existência. Esses povos não observam a vida como uma estrada reta, mas como um caminho íngreme com muitos declives, apresentando movimentos diferentes. Analogamente, segundo afirma Oliveira (2005, p. 244):

Os Dogon não se representam por uma linha retilínea do tempo (...). Eles representam-se através de linhas de zig-zag, compreendendo que a existência possui movimentos dinâmicos e fluídicos. Mais que isso! Na representação Dogon essa linha vai até ao infinito. Reconhecem a precariedade de toda representação e em diagramas referem-se ao infinito, deixando toda representação em aberto, aceitando mais que controlando a linha do tempo e o paradoxo da existência.

Assim, para os Dogon, tais movimentos representam o sentido do existir em que tudo acontece com muito dinamismo. Assim, é possível perceber o direcionamento do olhar rumo a observação. Para eles, temos que ter tanto uma visão distanciada quanto próxima simultaneamente.

Pois, ao observar algo de perto, notará fragmentos e ao mirar de longe terá noção do todo. Por exemplo, ao observar o mar de perto, percebemos a imensidão. No entanto, ao assistir distante, veremos como um lençol azul. Nesse sentido, o fator determinante desta análise, será a perspectiva a ser adotada. Deste modo, aponta Oliveira, que a vibração acontece a partir do contato constante dos opostos no procedimento.

Por isto, toda a existência precisa de uma energia, uma vibração, pois esta é a força da vitalidade. Ademais, há todo momento estamos transmitindo e recebendo energias. Como Oliveira (2005, p. 246):

O homem é síntese do processo de germinação da semente, o universo síntese da germinação humana e tudo é processo iniciado e veiculado pela vibração que anima tanto a pequena semente quanto a imensidão do universo. Cada qual é processo em si mesmo e síntese do outro. Toda essa dinâmica é relacional, processual, e sua dinâmica articula a singularidade da existência territorializada como a cosmovisão da cultura estruturante.

Assim, o homem é o produto do processo, sendo este responsável por reproduzir a cultura e incutir valores. Além disso, tem a missão de repassar de geração a geração, os saberes das gerações antepassadas, procurando manter a essência da ancestralidade. Isto não significa que tudo deverá permanecer do mesmo jeito, ao contrário, deverá acompanhar o progresso da natureza, no entanto, de modo a preservar a memória dos ancestrais e o legado deixado.

2 A CULPA DO PENSAR MODERNO

Em cada civilização, haverá um sentimento de culpabilidade que é resultado das expectativas criadas. E esta negatividade da contemporaneidade desconstrói a natureza primitiva do indivíduo para que este satisfaça as necessidades de uma cultura individualista e conflituosa. Nesse ínterim, a substância na vida psicológica do homem é a irracionalidade pertencente ao seu comportamento. Assim, todos os seres racionais tem a capacidade e a

liberdade para pensar e agir com convicção, porém, a liberdade tirou o lugar da repressão e tornou-se o próprio repressor.

O indivíduo moderno é extremamente submisso a sociedade, no sentido do pensar, do trabalhar e do viver para ser castigado. Atualmente, é difícil restituir o senso de coletividade, tendo em vista que os homens já se acostumaram com a liberdade do individualismo. Assim, experimentamos o mito que relata a existência de um ser superior aos demais, que compartilha da individualidade. Neste caso, o homem atual tem preguiça de raciocinar atribuindo esta atividade ao líder, como afirma Sergio Paulo Rouanet:

(...) o homem encontra calor e amparo na comunidade a que pertence ou à qual se filia, através dos laços libidinais com os outros membros do grupo. Angustiado com a obrigação de pensar por si mesmo, transfere ao líder a tarefa da reflexão autônoma e recebe da comunidade opiniões já prontas. Os riscos são colossais, mas não surpreendem a psicanálise. Ela está preparada para compreender a nostalgia da horda, assim como estava preparada para compreender a nostalgia do irracional. (Rouanet, 1997, p. 21)

Para o autor, reavivar o coletivo é sustentar-se a partir dos pensamentos e princípios da autoridade majoritária da comunidade. Diferentemente, das culturas primitivas, conforme Munduruku (2022):

O chefe precisa, portanto, ser uma pessoa que está em sintonia com a comunidade, para não incorrer no risco de decidir coisas que a comunidade não aprova e, assim, perder o cargo. Além disso, há um aspecto muito importante, sobre o chefe, a ser considerado: ninguém tem nenhuma obrigação de segui-lo ou obedecê-lo. O poder que ele tem só será exercido à medida que as pessoas quiserem segui-lo, caso contrário, elas voltarão as costas ao cacique e o deixarão falando sozinho. (...) No fundo, o poder não está concentrado em uma pessoa, por mais sábia que ela seja. O poder pertence sobretudo à comunidade. (Munduruku, 2022, p. 50).

Assim, para as culturas primitivas, o poder do chefe será válido apenas em conjunto com o corpo social. Além disso, todos têm a liberdade de escolha, ninguém é obrigado a nada. Assim, tudo é feito com benevolência e partindo do ideal coletivo. Em contrapartida, a sociedade modernista busca pela sabedoria e perspicácia do líder na resolução de seus conflitos, principalmente, aos desconfortos internos.

As inquietações são consequências da instabilidade e do medo de pensar a partir de si mesmo, guiado pela sua própria inteligência. Sempre existirá o período antecessor e o sucessor as ansiedades. Antes, havia a tranquilidade em esperar o tempo certo para o fluir e a estabilidade em que tudo era inabalável. Depois, apenas sentimentos negativos como a obscuridade em que tudo é muito confuso e a desordem que gera as confusões e a incoerência.

Por esta razão, coloca-se para o exterior, o que está enfrentando internamente, desta maneira, a hostilidade transforma o espírito do homem provocando a regressão aos instintos agressivos e cruéis. Em consequência, o indivíduo não estando confortável dentro de si mesmo, a sua relação com os demais não será agradável. Tal desconforto é resultado da modernidade, da proibição do pensamento. Por isso, é considerável os questionamentos que visem minimizar tais impulsos regressivos como destaca Rouanet.

Além disso, a identificação dos comportamentos inconsequentes e grotescos é importante para avaliação do que pode ser realizado para aumentar os níveis de reparo das aflições. Logo, um dos passos cruciais para a libertação do sentimento de culpa e frustração é se propondo a meditar, a refletir sobre o papel que tem exercido no mundo. Pois, praticando o exercício do pensar, as chances de agir impulsivamente em momentos conflitantes é mínima. Ademais, o que civilização ocidental propõe é justamente que os indivíduos não pensem.

Assim, quando não pensa por si mesmo, vive-se alheio aos pensamentos e a inteligência de outros. O ato de pensar está associado ao intelecto, com base nisso, obteremos uma hierarquia entre os seres pensantes e os não pensantes. Os pensantes são aqueles mentalmente espertos, que refletem e buscam em si a sabedoria e o discernimento necessário. No entanto, já os não pensantes são aquelas pessoas que se julgam ignorantes e incapazes, desta forma, esta parcela da comunidade encontra-se frustrada por sentir medo do cogitar e renuncia a sua capacidade.

Conforme aponta Rouanet, o homem tem que pensar por si mesmo, não pode ser influenciado pela tradição, bem como:

Não, temos que pensar por nós mesmos, em vez de aceitar a tradição. É nisso que consiste a maioridade, é na superação de todos os infantilismos que consiste nossa verdadeira dignidade. São as crianças que vivem de ilusões crenças sem fundamento objetivo, influenciadas quase exclusivamente pelo desejo. O homem maduro enfrenta a realidade, por mais dura que seja. Ele ficará, com isso, "como a criança que deixa a casa paterna, onde gozava de tanto calor e aconchego. Mas o infantilismo deve ser vencido, não é verdade? O homem não pode ficar eternamente criança, precisa um dia confrontar-se com a vida hostil". (Rouanet, 1997, p. 15).

Segundo o ponto de vista do autor, a crença promete o futuro transcendente, que assegura o reino dos céus como recompensa aqueles que serviram a igreja e a Cristo. Impossibilitando, o crescimento racional do indivíduo, tendo em vista que é preciso enfrentar a realidade bruscamente para libertar-se do amedrontamento e da reprovação do raciocinar, com o intuito de que este não afete diretamente o intelectual.

Além disso, a tradição interrompe o ponderar do homem porque visa explicar os acontecimentos da vida. Deste modo, o ser humano pode recair e regredir mentalmente dependendo da fase em que se encontra, já que estes traumas ficam armazenados no

inconsciente, ou seja, estão alojadas no irracional. À vista disso, a razão está sujeita ao retrocesso e certamente, o irracionalismo é consequência do imediatismo.

Atualmente, as pessoas procuram respostas prontas e imediatas, possuindo aversão até mesmo sobre as escolhas da vida. Nesse sentido, para os imediatistas a resposta tem de vir pronta e a recompensa é a rápida sensação da falsa felicidade. Logo, a alegria encontra-se escondida nessas roupagens, no qual a coerência está em escutar o senso comum do que supostamente pode ser o quebra-cabeça.

De acordo com Rouanet, as concepções de universalidade, alienação, sentimento e o predomínio do inconsciente, ou seja, do irracional é ultrapassado de gerações obsoletas. Por esse motivo, ainda que o índio sobreviva dentro do mundo contemporâneo, mas este sempre voltará as suas raízes, devido a sensação de pertencimento.

Então, a noção de pertencer tanto ao lugar quanto ao povo é algo inexplicavelmente caloroso. Com efeito até a percepção sobre as outras culturas ganha reconhecimento e apreço, porquê o corpo social tem enraizado dentro de si a civilização na qual pertence e as suas singularidades. Dessa forma, nenhuma descendência é igual a outra, todas possuem semelhanças e diferenças, mas são as distinções que muitas vezes ocasionam os conflitos entre os grupos.

Estes conflitos são recorrentes desde o início da etnia, a mania selvagem de utilizar da agressividade como mecanismo de conquista, como aponta Munduruku:

Cada povo elabora uma maneira própria de ler a realidade e cria um simbolismo todo próprio para lidar com essa visão. Não é muito difícil encontrar povos que consideram sua leitura a mais correta, com base nos próprios pressupostos. Sob esse aspecto, podemos perceber que algumas sociedades conseguiram um desenvolvimento superior ao de outras no que diz respeito à tecnologia (desde que entendamos o termo no sentido ocidental). Desse ponto de vista, toda sociedade que analisa uma outra tomando por base os próprios pressupostos tende a ser etnocêntrica. Esse etnocentrismo, no entanto, é compreensível dentro do contexto de autoafirmação em que um povo vive, orgulho de ser o que é. (MUNDURUKU, 2022, p. 21).

Conforme aponta o autor, toda sociedade que visa comparar as comunidades entre si, revela apenas como esta sociedade está ultrapassada. Por analogia, quando os portugueses ‘descobriram’ as terras brasileiras, logo ficaram anestesiados com tal encanto, de modo que estavam planejando tomá-las. Mais para isso, foram astutos e observaram que aquele povo possuía comportamentos e costumes diferentes da civilização europeia. Sendo assim, a solução foi a domesticação dos povos indígenas com o intuito de ocupação daquelas terras.

Com isso, toda guerra possui interesse em conquistar alguma coisa, seja dinheiro, poder e/ou terras, como:

Os povos nativos brasileiros não querem a terra para si como forma de posse. Querem a terra para dela tirarem o sustento material e a energia espiritual que os mantém vivos. Um povo só se sustenta culturalmente se lhe é dado o direito de acreditar, de ter esperanças, de sonhar. (Munduruku, 2022, p. 46).

Nesse sentido, a civilização moderna também trabalha através de guerras e domesticações. Tangendo a natureza primitiva do homem em ter regressões comportamentais devido aos instintos impulsivos. Em virtude disso, o esforço em unir nações que possuem o nível de desumanidade e crueldade extremamente elevado, na qual muitas vezes usam de guerras como meio de conquista tanto de território como de poder. Afinal, no mundo moderno o nível de perversidade é proporcional ao poder adquirido.

Com efeito, os malefícios ocasionados pelo modernismo desenfreado são aterrorizantes, tendo em vista, a superficialidade das pessoas. Hoje em dia, as pessoas vivem de fingimentos, apareciam ser o que não são, demonstram estar felizes para sentir o prazer da felicidade. Assim sendo, a cultura predominante, desde o início dos tempos foi a cópia malfeita da cultura europeia, em que a famosa ‘domesticação’ foi uma tentativa frustrada de modificar até mesmo os estímulos irracionais do indivíduo. Por isso, a inteligência e a capacidade de pensar foi dada a todos os seres racionais, estes que nem sempre estão propensos a pensar e questionar.

3 INDIVIDUALISMO E FLUIDEZ DAS SOCIEDADES LIQUEFEITAS

Segundo Zygmunt Bauman (2000), a ideia de modernidade líquida está atrelada à liquidez e à fragilidade dos convívios sociais, individuais e culturais no cenário contemporâneo. Sob essa visão, o modernismo fluido retrata a ambiguidade e a destreza efêmera da humanidade, de modo a divergir com a densidade dos modelos de períodos passados. Assim, o homem moderno está engendrado ao que denominamos escravidão social, em que o indivíduo possui uma estreita relação de submissão com a comunidade.

No mundo de mudanças contínuas, as práticas e valores repassados de geração para geração, entram em declínio. A incessante procura por individualidade e modelos de vidas, ocasionam assim a baixa dos vínculos culturais que conectam os indivíduos com a ancestralidade. Resultando, no desvio das heranças ancestrais que determinam a memória de uma coletividade.

Com destaque no individual, em que a procura por autossuficiência e liberdade privativa ocorre em decorrência do público. Assim, por esse motivo propiciar a quebra nos

relacionamentos intergeracionais, na qual o público juvenil tende a perceber cada vez mais afastados dos idosos, de modo a privar-se de compreender o conhecimento ascendente. Bem como afirma:

O indivíduo moderno vive limitado devido a rotina, que o impossibilita de pensar sobre suas próprias incertezas. Deste modo, Bauman (2000, p. 44) aponta: “Quanto mais os valores preservados no pensamento forem protegidos da poluição, menos significativos serão para a vida daqueles a quem devem servir”. A importância de pensar está associada as necessidades que os indivíduos tem de refletir, de modo a acumular uma imensidão de pensamentos desconexos e confusos. Com isso, o homem moderno está engendrado ao que denominamos de escravidão social, na qual possui uma estreita relação de submissão com a sociedade.

A modernidade líquida apresenta inúmeras possibilidades de escolha, a insegurança e o medo de errar nas escolhas, frustra os indivíduos. Tudo na modernidade possui flexibilidade e instabilidade, ao passo que tudo é incerto e fluido, então, os seres se habituam as novas mudanças.

Nesse sentido, atualmente, tem se tornado cada vez mais frequente a instabilidade da sociedade. As pessoas nunca estão satisfeitas com nada devido a visão está centrada no futuro. Cada vez mais, espera-se do amanhã antes mesmo de acabar o hoje, a incerteza do futuro amedronta, como pontua Bauman (2000, p. 54): “O mundo é uma comédia para os que pensam, e uma tragédia para os que sentem”, deste modo quem raciocina a vida é tranquila e amena, mas aos que sentem os sintomas do pensar dos outros, a vida não é fácil.

Assim, os seres humanos demonstram que nunca estão prontos e acabados, mas em constante transformação. Por causa disso, as relações sociáveis inclinam-se a serem passageiramente e supérfluas. Consequentemente, tudo é visto como irrelevantes e facilmente modificado. Logo, a representação da alegria, quando falamos em tempos líquidos, expõe como sentimento duvidoso. E, o preço a ser pago é com esta incerteza.

Nos tempos líquidos, não encontra-se mais certo e errado, descobre-se infinitas possibilidades. Sendo estas oportunidades que preenche o vazio temporariamente. Para Bauman (2000), os indivíduos tem ir às compras, não no sentido literal mas ao fato de termos múltiplas opções e saber descartar aquilo que se julga inviável no momento. Como afirma Bauman (2000, p. 72):

“Vamos às compras” pelas habilidades necessárias a nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos; pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modos de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos; por maneiras de fazer novos amigos que queremos e de nos desfazer dos que não mais queremos; pelos modos de atrair atenção e de nos escondermos do escrutínio; pelos meios de extrair mais satisfação do amor e pelos meios de evitar nossa “dependência” do parceiro

amado ou amante; pelos modos de obter o amor do amado e o modo menos custoso de acabar com uma união quando o amor desapareceu e a relação deixou de agradar; pelo melhor meio de poupar dinheiro para um futuro incerto e o modo mais conveniente de gastar dinheiro antes de ganhar-las; pelos recursos para fazer mais rápido o que temos que fazer e por coisas para fazer a fim de encher o tempo então disponível; pelas comidas mais deliciosas e pela dieta mais eficaz para eliminar as consequências de comê-las; pelos mais poderosos sistemas de som e as melhores pílulas contra a dor de cabeça. A lista de compras não tem fim. Porém por mais longa que seja a lista, a opção de não ir às compras não figura nela.

Assim, para o autor fica claro que as pessoas têm prazer pelo consumir, da possibilidade de escolher algo, da sensação momentânea de felicidade. Por certo, o consumismo é indispensável para a constituição da individualidade. Segundo a teoria líquida aponta que os sujeitos, frequentemente, determinam a sua identidade pelo que possuem, e não por princípios perpétuos.

A liquidez da sociedade contemporânea concede numerosas personalidades e comportamentos de vida. No entanto, arrisca-se a advir uma crise de identidade, o problema reencontrar-se dentro de si mesmo consolidado, tem potencial de provocar desordem e insensatez. Os indivíduos modernos estão em busca de modelos de vida idealizados, na qual a dependência em buscar conselhos e orientações sobre o modo de agir e de pensar. Os homens e as mulheres modernas estão em busca de modelos de vidas ideais. É a dependência de procurar exemplos conselhos e orientação é como uma droga quanto mais se procura mais a dependente mais e sofre essa busca é tentando alcançar a satisfação.

Por consequente, o egocentrismo intensificado visa enaltecer a autodeterminação e autossuficiência. O destaque não está no “nós”, mas no “eu”, bem como Bauman (2000, p. 64):

“Nós” é o pronome pessoal usado com mais freqüência pelos líderes. Já os conselheiros têm pouco que fazer com ele: “nós” não é mais que um agregado de “eus”, e o agregado (...). Ao fim da sessão de aconselhamento, as pessoas aconselhadas estão tão sós quanto antes. Isso quando sua solidão não foi reforçada: quando sua impressão de que seriam abandonadas à sua própria sorte não foi corroborada e transformada em uma quase certeza. Qualquer que fosse o conteúdo do aconselhamento, este se referia a coisas que a pessoa aconselhada deveria fazer por si mesma, aceitando inteira responsabilidade por fazê-las de maneira apropriada, e não culpando a ninguém pelas consequências desagradáveis que só poderiam ser atribuídas a seu próprio erro ou negligência.

Assim, pode acontecer de fraquejar os vínculos públicos, de modo a ampliar o alienamento. Devido a efemeridade das relações sociais, o que provém da ausência de relacionamentos desmedidos e imperecíveis. Dessa forma, a normalidade com que as conexões

tem possibilidade de ser desprezado pode permitir que os sujeitos ressinta-se solitários e ignorante.

A incessante transformação e a ausência de alicerces fixos que ocasiona o sentimento de incerteza. Hoje em dia, nos tempos líquidos, os indivíduos possuem uma privação em pressupor o futuro, mais também, em determinar planos dentro de um período de tempo considerado relativamente longo, sendo possível transferir a sensações de inquietações e perturbação.

As crenças e preceitos culturais que antecipam promovendo a sensatez de identificação e ser pertencente as culturas, é tido como ultrapassado e insignificante. Sem esses amparos culturais, os indivíduos podem vir a experimentar a sensação de desviadas e desagregar.

4 A ANCESTRALIDADE EM *O BANQUETE DOS DEUSES*

A modernidade líquida, ideia criada pelo sociólogo Zygmunt Bauman, exprime sobre uma constante transformação e indecisão na sociedade vigente, sendo marcada pela liquidez dos vínculos sociáveis. Tal cenário afeta drasticamente as tradições e o legado de diversas comunidades. A herança de um povo, que demonstra por meio dos rituais simbólicos, das narrativas míticas, e de um bem comum, defronta-se com dificuldades significativas em um ambiente no qual as referências grupais são em sua maioria, desorganizadas e reinventadas.

Deste modo, atualmente, os sujeitos contemporâneos vivem no ritmo acelerado e estressante, com uma carga extensiva de demandas pessoais e sociais. E isto, afeta diretamente no comportamento e na visão de mundo que o homem tem de si e do mundo, bem como afirma Munduruku (2022):

Sempre que eu vinha da cidade para a aldeia, chegava muito agitado, confuso, inquieto. O velho ficava observando meus movimentos de forma muito discreta, não deixando que eu percebesse que ele acompanhava meus modos. Num determinado momento, convidou-me para tomar banho no igarapé que corria perto da aldeia. Fui sem atentar em nada que fosse anormal no comportamento do velho. Ao chegar ao rio, pediu que eu fosse até uma pequena queda-d'água, sentasse numa pedra e observasse todos os movimentos que o rio fazia. Não tinha a menor ideia do que pretendia. Enquanto permaneci ali, ele não se moveu do lugar. Acocorou-se na parte baixa do rio e jogou água sobre seu corpo com as mãos em concha. Vez por outra olhava para mim e apontava para a água como se dissesse que eu também devia olhar para ela. Passaram-se muitas horas. No final, em vez de estar cansado por ter ficado muito tempo numa posição pouco cômoda, sentia uma estranha paz percorrer meu corpo. Então, meu avô levantou-se e chamou-me, dizendo: "Hoje você aprendeu algo novo. Nunca se deixe levar pelo barulho interior. A gente tem de ser como o rio. Não há empecilho no mundo que o faça sair do seu percurso. Ele caminha lenta mas constantemente. Ninguém consegue apressar o rio. Nunca ninguém vai dizer ao rio que ele deve andar rápido ou parar. Nunca apresse o rio interior. A natureza tem um tempo, e nós devemos seguir o mesmo tempo dela". (Munduruku, 2022, p. 14-15).

Para o autor, a civilização ocidental projeta uma visão de mundo baseada em construir bens, que esquece de que tudo tem um tempo determinado para acontecer espontaneamente. E é justamente essa pressa e esse desejo de conquistar que muitas das vezes, decorre as frustrações e a sensação de medo. Medo por não conseguir acompanhar os passos de uma sociedade moderna que constantemente busca por evolução em objetos e bens de consumo, como coloca Bauman (2000, p. 42): “São a busca ativa do valor de mercado e a urgência do consumo imediato que ameaçam o genuíno valor do pensamento.”

Por certo, estipular valores a uma sociedade totalmente consumista, que visa consumir de todos as maneiras possíveis para sobreviver no mundo em que nada tem valor fixo. E o motivo de nada ter um valor é justamente porque tudo precisa evoluir mais, nada está bom o suficiente, e se estiver é apenas por instantes. O mundo moderno sustenta-se em bases líquidas, na instabilidade do imediatismo e na errônea sensação de felicidade.

Deste modo, a sabedoria ancestral responde o motivo das culturas primitivas terem suas bases consolidadas:

Penso nisso sempre que me confronto com uma constatação: entre os índios não existe crise existencial. Paro e me pergunto por quê. Constatou de novo que entre os povos indígenas não se criam angústias. As crises nascem da angústia. A angústia nasce da necessidade de escolher. Isso vira um círculo vicioso e o vício torna a vida uma busca insana pela felicidade que, dizem, se encontra no conforto, na fuga da dor, no consumo. O consumo, por sua vez, torna as pessoas egoístas; e o egoísmo traz a solidão; e a solidão, a tristeza; e a tristeza, a falta de motivação, de alegria; e a falta de alegria gera a angústia, e a angústia traz a crise, e esta é provocada pela falta de rituais que deem sentido à existência das pessoas. As pessoas não têm em que se apegar, pois não têm uma tradição, uma ancestralidade. (Munduruku, 2022, p. 17).

Assim, o consumo provoca nas pessoas a emoção momentânea de sentirem-se felizes pelo simples fato de possuir um objeto. É como se a felicidade estivesse presa a adquirir aquele objeto, e muito se tem cogitado a respeito desse tipo de atitude nas redes sociais, em que adolescentes tem ações de agressividade pelos pais não conseguirem comprar o iphone de última geração para elas. A sociedade capitalista, quer que os indivíduos busquem essas ações mesmo, ao ponto de sempre estarem consumindo e gerando lucro para os seus produtores.

E isto, adentra em outra questão ocasionada pela modernidade, a incerteza do futuro, bem como:

O indígena não tem crise existencial porque vive o presente, sem esquecer o passado e sem desejar o futuro. Ouvi do meu sábio avô mais esta máxima: se o momento atual não fosse bom não teria o nome de presente. Querem coisa mais sábia? O nosso grande presente, o presente que a vida nos proporciona é justamente o agora. Entre os índios Munduruku e outros que conheci, toda vez

que se recebe um presente, ele é usado na mesma hora. E sabem por quê? Porque presente não se usa no futuro. Mas o presente é vívido e empolgante quando está estruturado, alicerçado por toda a teia da vida e da ancestralidade de uma pessoa ou grupo de pessoas. É aí que reside a força da tradição indígena, da família indígena, da educação indígena. (Munduruku, 2022, p. 17).

Assim, os povos indígenas preservam o momento em que estão vivendo, para eles não tem sentido apressar e se desesperar pelas coisas. Diferentemente, da sociedade moderna, que está engendrada ao passado e ao futuro, menos no presente. No passado, porque se culpam por ações que já aconteceram e pelo futuro porque tem medo do que pode acontecer. Como tudo é instável, nada está assegurado e essa instabilidade gera a sensação de insegurança e medo do que pode vir.

Certamente, ainda não temos a capacidade a ideia de controlar o futuro, isto foge do nosso controle, por isso o corpo social amedronta-se. O autor indígena explica mais uma vez este quadro:

É comum as pessoas se perguntarem sobre o que é a vida para um povo indígena e eu já me atrevi a dizer que o nativo não faz esse tipo de amento. As conjecturas trazem consigo a angústia. No pensar de um povo existe o presente e tudo o que o presente acarreta como custo e benefício. O presente, no entanto, está atrelado ao passado. Não a um passado físico, mas a um passado memorial, dos feitos dos criadores, dos heróis e do início dos tempos. Esta memória é reinventada no cotidiano para que todos possam caminhar conforme os ensinamentos, as regras de conduta e os valores individuais e sociais que regem a sociedade. Viver é, portanto, ter os pés assentados no agora e o pensamento e o coração amarrados na Tradição, sabendo, inclusive, que nossa permanência na Terra é uma dádiva, um "presente". A vida é, assim, um momento de passagem para o encontro com o Grande Espírito. (Munduruku, 2022, p. 28).

Para o povo indígena, o passado tem que ser lembrado pelo legado que foi deixado de geração para geração. Os ensinamentos de um povo deixam marcas solidificadas na memória de um povo. Assim, a cultura primitiva respeita e valoriza a sabedoria dos mais velhos pela experiência de vida que possuem e pelas histórias que vem sendo contadas e recontadas de geração a geração. Com intuito de preservar as raízes ancestrais, que é extrema importância para a cultura e valorização de um povo.

Bem como, descreve Munduruku (2022):

A liberdade é um "olhar além". Esse "olhar" imprime um modo de estar no mundo, um "sentir" além das aparências imediatas. É um enfeitiçamento da realidade tal qual nós a vemos e um "ir além". O que está por trás do res-peito? É saber que a pessoa que nós respeitamos tem algo além de nós, é um ser que merece nossa reverência. Foi isso que ocorreu com a jovem indígena do começo deste capítulo. Ela tinha liberdade para falar, mas por uma questão de respeito ao caminho mais longo que a mãe fez, calou-se como forma de reverenciar o saber do mais velho. Ela não foi reprimida, não foi ameaçada,

não foi humilhada na frente da pesquisadora. Ela simplesmente obedeceu a uma ordem de seu corpo e de sua mente e deixou que sua ancestralidade falasse pelo seu silêncio. Ou seja, ela aprendeu a ser livre pela liberdade das pessoas que a educaram. (Munduruku, 2022, p. 71-72).

Assim, os povos primitivos tem liberdade de perceber os movimentos da vida, mas por respeito tendem a respeitar a sabedoria dos mais velhos. Para eles, a liberdade não se encontra limitada como na modernidade líquida que tem a sensação de liberdade, mas é prisioneiro e submisso as vontades de uma civilização que está em busca a todo tempo de benefício próprio. A individualidade na modernidade líquida proporciona ao homem que este é responsável por suas atitudes.

A noção de coletividade foi perdida em meio as individualidades da modernidade, ao passo que preservou o consumismo e todas as suas consequências, como aponta:

É certo que a sociedade ocidental transformou-se numa grande máquina de consumo. Transformou a convivência humana numa permanente concorrência, deixando as pessoas à mercê do tempo. Tirou, portanto, o sentido da própria existência. (Munduruku, 2022, p. 80).

Assim, a sociedade do consumo afetou toda a trama da vida, mudou o ser humano, deixou o indivíduo submisso ao tempo. Portanto, a modernidade líquida apresenta a fluidez e a volatilidade de como tudo está acontecendo dentro do quadro contemporâneo. Além disso, a instabilidade que provoca a sensação de culpabilidade e a frustração por não conseguir acompanhar essa sociedade liquefeita.

5 “O BANQUETE DOS DEUSES”: EQUILÍBRIO CULTURAL

O equilíbrio cultural diz respeito ao processo de inserção e ascensão da cultura indígena no contexto educacional brasileiro, tendo como ponto de partida, uma educação que prepara para a vida e respeita a cultura indígena, sem distorcê-la. Posto que, a cultura indígena é parte constituinte da identidade brasileira e essa herança deve ser respeitada e valorizada.

Na obra "O Banquete dos Deuses" de Daniel Munduruku, o equilíbrio cultural é um tema central que se manifesta de diversas formas. Ele explora a convivência harmoniosa entre diferentes culturas, destacando a importância do respeito mútuo e do diálogo intercultural. Mostrando assim, que o equilíbrio cultural é alcançado quando há reconhecimento e valorização das diferenças, promovendo uma coexistência pacífica e enriquecedora. A obra é um exemplo claro de como a literatura pode ser um veículo poderoso para a promoção da diversidade e da compreensão cultural.

O equilíbrio cultural, conforme apresentado por Munduruku (2009) envolve a preservação das tradições e saberes ancestrais ao mesmo tempo em que se abre espaço para influências externas. Em "O Banquete dos Deuses", essa dualidade é retratada através dos personagens e das suas interações. Eles representam tanto a resistência às mudanças impostas quanto a aceitação e integração de novos elementos culturais. Dessa forma, o autor ressalta a necessidade de um equilíbrio dinâmico, onde a identidade cultural é constantemente negociada e renegociada.

Outro aspecto importante do equilíbrio cultural na obra é a ideia de reciprocidade e troca. conforme sugere o autor que para alcançar um verdadeiro equilíbrio, é necessário haver um fluxo bidirecional de conhecimento e práticas culturais. Esse intercâmbio não só enriquece ambas as partes envolvidas, como também fortalece a identidade coletiva. Em "O Banquete dos Deuses", essa troca é simbolizada pelos banquetes e celebrações, onde diferentes culturas se encontram e compartilham seus costumes, criando um ambiente de aprendizado e crescimento mútuo.

O autor destaca a relevância da educação como meio de promover o equilíbrio cultural. Ele defende que a educação deve incluir a valorização das culturas indígenas e tradicionais, ao lado do ensino das culturas dominantes. O mesmo acredita que, ao promover uma educação inclusiva e diversificada, é possível construir uma sociedade mais justa e equilibrada. Sua obra faz um apelo para a conscientização e o respeito às culturas diversas, mostrando que o equilíbrio cultural é essencial para a harmonia social e o desenvolvimento humano.

De acordo com os pensamentos de Munduruku (2009) é uma educação que deve ser ensinada desde cedo as crianças pelos educadores e familiares de forma ressignificada rompendo os estereótipos do homem dito civilizado, para que estes aprendam a valorizar e respeitar os diferentes povos e culturas que formam a sociedade brasileira.

[...] é preciso redirecionar o olhar delas. É preciso mudar a visão sobre a terra, sobre a natureza. É preciso ensinar que a terra é sagrada e por isso deve ser reverenciada como uma irmã mais velha, nossa provedora. É preciso que as crianças da cidade descubram o prazer de ouvir as histórias dos antigos, permitindo que elas desenvolvam respeito e orgulho pelos antepassados [...] sobretudo, é importante tratar os educandos com reverência, sabendo que eles são parte do todo [...] (MUNDURUKU, 2009, p. 39).

É imprescindível notar que há necessidade de uma educação que inclua no processo educativo todos os elementos constituintes da cultura brasileira, de forma que a história seja contada não apenas pelo ponto de vista do português, mas que faça jus ao povo negro e aos indígenas, incluindo-os assim, história.

A história e a tradições culturais dos povos indígenas devem ser aprendidas sem que haja distorções, ela é parte e constitui como mecanismo de herança cultural da sociedade brasileira, a fim de que exista equilíbrio cultural faz se necessário, a compreensão de que essa cultura é uma

parte intrínseca do nosso cotidiano e que todos são influenciados por ela, como se fossem o próprio alimento no banquete dos deuses, é preciso dar voz aos povos e a cultura indígena no contexto educacional brasileiro.

Nesse viés, o conceito de equilíbrio cultural refere-se à necessidade de integrar e valorizar as culturas indígenas no currículo educacional, promovendo um entendimento mais holístico e inclusivo da história e cultura brasileira. Nesse sentido, faz-se necessário a percepção de que essa integração é essencial para alcançar um verdadeiro equilíbrio cultural, onde todas as vozes e perspectivas são respeitadas e reconhecidas.

Nesse direcionamento, o equilíbrio cultural é a harmonização das diversas culturas que compõem a sociedade brasileira, especialmente destacando a importância das culturas indígenas. Desse modo, o verdadeiro equilíbrio cultural é alcançado quando todas as vozes são ouvidas e respeitadas, e quando as diferentes tradições e conhecimentos são integrados de forma justa e equitativa no contexto educacional e social.

Em outras palavras, o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A ideia é promover um diálogo intercultural onde cada grupo contribui com suas riquezas culturais, criando assim uma convivência mais harmoniosa e equilibrada.

O equilíbrio cultural refere-se à compatibilidade entre os valores, crenças e comportamentos de uma dada cultura para com a outra, no caso, o reconhecimento de que o povo e a cultura indígena têm valor incomensurável na formação da identidade cultural do povo brasileiro.

Por isso somos o banquete dos Deuses. Eles se alimentam da nossa reverência, acompanhada dos sons de nossos maracás; alimenta-se de nossa sensibilidade pelos caminhos da Mãe-terra; alimenta-se de nossas crenças. E é por causa disso tudo que o planeta apesar de todo sofrimento e agonia por que passa atualmente não respondeu com violência. Nossa Mãe-terra sabe que há muitos pajés que estão chacoalhando o maracá para manter o seu equilíbrio; que estão cantando cantigas sagradas que agradam aos deuses. E não são apenas os pajés indígenas, não. São todos aqueles homens e mulheres que vivem nos quatro cantos do planeta e acreditam na possibilidade de viver em paz... São os educadores que incutem valores humanos nos educandos... (MUNDURUKU, 2009, p. 38).

Percebe-se que o conceito de banquetes dos Deuses aqui proposto tem por finalidade reforçar a identidade cultural e a coesão social, além de ser uma oportunidade para transmitir conhecimentos e valores de uma geração para outra, além do mais, enfatiza a importância de uma educação que respeite e valorize essas culturas e que a educação tem o papel de mostrar todos os elementos culturais aos educandos na sociedade brasileira.

A citação acima mostra que educadores e outras pessoas ao redor do mundo devem promover valores humanos e mais ainda, são parte desse esforço para manter o equilíbrio e a paz. Portanto, são fundamentais a colaboração e a responsabilidade coletiva de todos os que acreditam na possibilidade de viver em harmonia com a natureza e entre si.

É necessário educar os educandos com valores culturais que inclua e valoriza a cultura indígena enquanto parte constituinte da identidade cultural do povo brasileiro, desse modo, cabe ao educador promover a educação integral dos educandos, ao fazer valer o equilíbrio cultural no qual incluem sem distorções todos os povos que forma o elemento cultural da sociedade brasileira.

O equilíbrio cultural se refere a um estado onde diferentes culturas coexistem de maneira harmoniosa, sem que uma seja dominada ou suprimida pelas outras. Em sociedades com equilíbrio cultural, há um respeito mútuo e valorização das diversas tradições, crenças e práticas culturais. Isso permite que as pessoas mantenham suas identidades culturais enquanto se beneficiam da interação com outras culturas.

Esse equilíbrio é essencial para a promoção da paz, da compreensão mútua e do desenvolvimento social. E pode se manifestar de várias formas, como através de políticas de inclusão, educação multicultural, eventos culturais, e práticas que promovam a equidade e o respeito entre diferentes grupos culturais.

Nesse sentido, para promoção do equilíbrio cultural é preciso um olhar mais sensível que rompa com os paradigmas e estereótipos incubados pelo homem branco na sociedade brasileira, conforme Munduruku explicita a saber:

O homem branco, na insensibilidade à natureza, tem dessacralizado a face da Mãe- terra. A capacidade tecnológica do homem branco é o resultado da falta de consideração pelo caminho espiritual e pelo modo de ser das coisas vivas. Seu desejo de poder e de riquezas materiais impede-o de ver a dor que está causando à Mãe- terra, ao buscar aquilo que chama de recursos naturais. O caminho do Grande Espírito tornou-se difícil de perceber para a maioria dos homens, mesmo para muitos índios que preferem seguir o caminho do homem branco (MUNDURUKU, 2009, p. 40).

A citação acima faz uma crítica ao impacto da sociedade ocidental, simbolizada aqui pelo "homem branco", sobre a natureza e a espiritualidade indígena. Ele sugere que a insensibilidade e a exploração desenfreada dos recursos naturais resultam na "dessacralização" da Mãe-Terra, ou seja, na perda do respeito e da reverência que deveria ser dada ao planeta. Reforçando assim, a urgência do equilíbrio cultural na sociedade brasileira.

O autor ainda menciona que o avanço tecnológico da sociedade ocidental muitas vezes ignora a dimensão espiritual da vida e das coisas vivas. Esse desejo de poder e riqueza material impede as pessoas de verem o sofrimento que causam à Mãe-Terra ao explorarem o que chamam de recursos naturais.

Ele ainda ressalta que esse caminho de desrespeito à natureza torna difícil a percepção do "Grande Espírito", uma força espiritual que guia e equilibra a vida. Isso afeta não apenas a sociedade ocidental, mas também alguns indígenas que, seduzidos pelo estilo de vida ocidental, acabam se afastando de suas tradições e do respeito à Mãe-Terra. A citação, portanto, chama a atenção para a necessidade de um retorno às práticas e valores espirituais que reconhecem e respeitam a natureza, em oposição à busca desenfreada por progresso material.

Sendo assim, o equilíbrio cultural é um conceito que se refere à coexistência harmoniosa e respeitosa de diversas culturas dentro de uma sociedade. Esse equilíbrio é essencial para promover a paz e a compreensão mútua entre diferentes grupos culturais, incentivando o respeito pelas tradições e valores de cada um. Através do equilíbrio cultural, uma sociedade pode beneficiar-se da riqueza de experiências e perspectivas únicas que cada cultura traz, fomentando um ambiente inclusivo e diversificado.

Vale destacar que um aspecto fundamental do equilíbrio cultural é a preservação das identidades culturais. Isso significa que cada grupo cultural tem o direito de manter suas tradições, idioma, práticas e valores, enquanto participa ativamente da sociedade mais ampla. A preservação das identidades culturais ajuda a fortalecer a autoestima e o senso de pertencimento dos indivíduos, criando uma base sólida para a construção de uma comunidade coesa e integrada. Outro aspecto importante do equilíbrio cultural é a promoção do diálogo intercultural. Esse diálogo envolve a troca de ideias e experiências entre diferentes grupos culturais, permitindo uma maior compreensão e valorização das diferenças. O diálogo intercultural pode ocorrer através de várias plataformas, como educação, artes, eventos comunitários e mídia. Ele contribui para desmistificar estereótipos e preconceitos, promovendo uma visão mais inclusiva e empática da diversidade cultural.

A igualdade de oportunidades é igualmente crucial para alcançar o equilíbrio cultural. Isso significa que todos os indivíduos, independentemente de sua origem cultural, têm acesso a oportunidades justas em educação, emprego, saúde e outros serviços essenciais. Políticas e práticas que promovem a igualdade de oportunidades ajudam a reduzir desigualdades sociais e econômicas, proporcionando um ambiente onde todos podem prosperar e contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

O equilíbrio cultural requer um compromisso contínuo com a justiça social e os direitos humanos. Isso inclui a proteção dos direitos das minorias culturais e a promoção de políticas que combatam a discriminação e a exclusão. A justiça social garante que todas as culturas sejam tratadas com dignidade e respeito, criando uma base sólida para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e equilibrada. Ao promover o equilíbrio cultural, criamos um ambiente onde a diversidade é celebrada e todos têm a oportunidade de viver com dignidade e respeito.

Logo, ele visa mostrar a importância de desconstruir estereótipos e oferecer outras narrativas para as crianças, promovendo uma visão de mundo mais diversa e tolerante. O autor vê a literatura como um meio de política cultural, ajudando a sociedade a reconhecer e valorizar a complexidade da pluricultura indígena.

Para tanto, ele propõe que a manutenção da cultura indígena deve ser feita através da escrita e da literatura, utilizando essas ferramentas para integrar a tradição oral e perpetuar os ensinamentos ancestrais. Portanto, o autor acredita que a cultura indígena é uma forma de resistência contra o capitalismo e a homogeneização cultural. De tal modo, que haja uma educação que prepara para a vida e que principalmente, respeite a cultura indígena, sem distorcêla. Sendo assim, o equilíbrio cultural pode ser entendido como a coexistência e a interação equilibrada entre as tradições e costumes indígenas e as influências externas, preservando a identidade cultural dos Mundurukus enquanto se adaptam às mudanças ao seu redor. Ele também se refere ao respeito mútuo e à valorização das diferenças culturais, promovendo a paz e a harmonia entre os membros da comunidade e com outras culturas. Ao buscar esse equilíbrio, os Mundurukus mantêm sua herança cultural viva e relevante, ao mesmo tempo em que enfrentam os desafios modernos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado sobre a ancestralidade e as sociedades liquefeitas trouxe à tona discussões críticas e relevantes a respeito da cultura e da identidade das sociedades minoritárias que estão inseridos na sociedade brasileira, mostrando que há a necessidade de uma educação que respeite e integre os saberes tradicionais indígenas.

O artigo levantou muitas informações a respeito da ancestralidade e da sabedoria dos antepassados, posto que os seus saberes não são apenas uma herança do passado, mas uma fonte contínua de conhecimento e orientação para as gerações atuais e futuras. As informações adquiridas por meio da análise deixaram claro, que a ancestralidade é fundamental para a preservação da identidade e do patrimônio cultural, e que os ensinamentos e as histórias dos ancestrais são fontes de sabedoria e inspiração.

Verificou-se que a sociedade contemporânea é caracterizada pela imprevisibilidade e pela falta de estruturas duradouras, e que o estudo da ancestralidade é o ponto de equilíbrio entre a fluidez das sociedades liquefeitas, mediante, o processo de humanização do homem contemporâneo. Através do estudo comprovou-se que a modernidade líquida é marcada pela fluidez e pela constante mudança o que faz se necessário o contraponto da concepção de que a ancestralidade contribui para o equilíbrio cultural e a preservação da identidade na sociedade.

O estudo da ancestralidade multifacetado é fundamental enquanto desconecta a rapidez e a agitação do homem contemporâneo, mediante, a reflexão sobre a necessidade de construir

uma ética para a modernidade líquida, onde os indivíduos possam navegar pelas complexidades e incertezas da vida moderna de maneira ética e responsável. A ancestralidade permite compreender as raízes culturais de um povo em uma sociedade e à luz de sua manutenção na modernidade líquida. Ressignificando então, a ancestralidade enquanto memória viva interligada a oralidade e espiritualidade, tornando assim, um mecanismo de resistência cultural através da educação.

Constatou-se que o equilíbrio cultural é de suma importância no processo de valorização e reconhecimento das diferenças culturais e o respeito mútuo entre os membros da comunidade, promovendo a paz e a integração, buscando manter as suas tradições vivas, ao mesmo tempo em que acolhem novas ideias e influências de maneira equilibrada, visando assim, a garantia de que a herança cultural seja preservada, mesmo diante dos desafios modernos.

Explorou-se a intersecção entre as tradições indígenas e as influências externas, destacando a importância de manter as tradições vivas enquanto se adapta às mudanças trazidas pelo contato com outras culturas. O equilíbrio cultural, nesse contexto, refere-se à capacidade dos Mundurukus de integrar novas ideias e práticas sem perder sua identidade cultural. Isso envolve um respeito profundo pelas tradições ancestrais, ao mesmo tempo em que se está aberto a novas formas de pensar e viver. A obra de Daniel Munduruku enfatiza a necessidade de preservar a riqueza cultural dos povos indígenas, promovendo a harmonia e o respeito mútuo entre diferentes culturas.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Inglaterra: Polity Press, 2000.
- MUNDURUKU, Daniel. O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira- UFC. 2005. 353f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.
- ROUANET, Sergio Paulo. Mal-Estar Na Modernidade. **REV.BRAS.PSICANAL**. BERLIM, 1997. vol. XXXI, p. 9-30.

